

CENA LIVRE DE TEATRO: CULTURA, EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E RESISTÊNCIA

AUTORES

Bibiana Bragagnolo

Doutora em Musicologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professora Adjunta no Departamento de Artes da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). E-mail: bibiana.bragagnolo@ufmt.br ORCID: https://orcid.org/0000-0002-1282-6534

Maristela Carneiro

Atual coordenadora do PPG em Estudos de Cultura Contemporânea - ECCO, da Universidade Federal de Mato Grosso/UFMT. Docente Adjunta lotada junto à Faculdade de Comunicação e Artes - FCA/UFMT. Líder do NEC - Núcleo de Estudos do Contemporâneo (CNPq). Email: maristelacarneiro86@gmail.com ORCID: https://orcid.org/0000-0002-6335-7379

Ana Carolina de Melo

Formada em Comunicação Social - habilitação em Radialismo pela Universidade Federal de Mato Grosso. Integrante do Projeto de Extensão Cena Livre de Teatro, do Departamento de Artes da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). E-mail: anademello1992@gmail.com

Lucas Lemos de Souza

Egresso do curso de graduação em Letras - Português e Literaturas da Universidade Federal de Mato Grosso. Integrante do Projeto de Extensão Cena Livre de Teatro, do Departamento de Artes da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). E-mail: redacaolemos@gmail.com

Thalita Torres dos Santos Mattos

Discente do curso de Comunicação Social - habilitação Publicidade e Propaganda da Universidade Federal de Mato Grosso. Integrante do Projeto de Extensão Cena Livre de Teatro, do Departamento de Artes da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). E-mail: thalita.mattos@sou.ufmt.br

RESUMO

Este artigo tem como objetivo principal debater as relações entre cultura e extensão universitária a partir de um posicionamento de resistência, partindo da experiência do projeto Cena Livre de Teatro da UFMT. Para realizar tal intento, primeiramente apresentaremos um breve histórico do grupo, situando sua atuação. Em seguida, será exposta a metodologia utilizada nas oficinas de iniciação teatral realizadas, assim como os autores e conceitos que a embasam teoricamente. A partir disso, observamos a possibilidade de existência da cultura na extensão universitária como um ambiente de resistência ao conhecimento e às práticas hegemônicas e de florescimento da diversidade artística e subjetiva.

Palavras-chave: Cultura. Teatro. Extensão universitária

ABSTRACT

The main objective of this article is to discuss the relationship between culture and university extension from a position of resistance, based on the experience of the Cena Livre de Teatro project at UFMT. To carry out this intention, we will first present a brief history of the group, situating its performance. Then, the methodology used in the theatrical initiation workshops held will be exposed, as well as the authors and concepts that theoretically support it. From this, we observe the possibility of the existence of culture in university extension as an environment of resistance to knowledge and hegemonic practices and of flourishing artistic and subjective diversity.

Keywords: Culture. Theater. University Extension.

1. INTRODUÇÃO

A extensão universitária possibilita um caminho de trocas e intercâmbio entre a comunidade interna da Universidade e a externa, atuando como importante espaço para a construção, divulgação e proposição de saberes e práticas. Nesse sentido, a presença da cultura na extensão se faz essencial, uma vez que permite não só o fluxo de práticas artísticas, mas cria lugar para a experimentação de possíveis caminhos de construção de arte e de subjetividades não hegemônicas, atuando, assim, enquanto resistência frente ao *status quo*. Dentro deste contexto, o objetivo deste artigo é refletir sobre o uso do Teatro, como processo artístico de expressão e socialização, e o seu relevante papel na extensão universitária. Para isso, usaremos a experiência do Cena Livre de Teatro, projeto de extensão atualmente sediado no Departamento de Artes da Universidade Federal de Mato Grosso, Campus Cuiabá, no período de 2018 a 2022.

Compreendendo que, muitas vezes, a arte se alinha às premissas de um conhecimento acriticamente reproduzido, assumir esta dimensão de resistência, sobretudo na conjuntura pandêmica enfrentada a partir de 2020, é intensificar as relações que podem ser compreendidas como liminares, fortalecendo a ideia de *communitas*, que consiste em uma dimensão social na qual se experimenta um modo de relação social direto, espontâneo e igualitário (TURNER, 1982). Adentrando brevemente neste campo, a liminaridade é compreendida como uma condição transitória na qual os sujeitos encontram-se destituídos de suas posições sociais anteriores, ocupando um entre-lugar indefinido no qual não é possível categorizá-los plenamente (NOLETO, ALVES, 2015). Segundo Turner (1982), a vida social se movimenta a partir de um movimento dialético, envolvendo estrutura social e *communitas*, estrutura e antiestrutura, alimentado pelas práticas rituais.

Assim, concebe-se a *communitas* como uma forma de antiestrutura constituída pelos vínculos entre indivíduos ou grupos sociais que compartilham uma condição liminar em momentos especificamente ritualizados (NOLETO, ALVES, 2015). É importante ressaltar que o caráter de antiestrutura da *communitas* está baseado em relações sociais e não em pertencimentos territoriais. Turner amplia a compreensão dos termos liminaridade e *communitas* para além dos contextos rituais usualmente analisados na antropologia, destacando que artistas, por exemplo, também podem ser considerados sujeitos liminares, que se agrupam em *communitas* diversas.

Nesse sentido e com o referencial teórico aqui adotado e que fundamenta a atuação do projeto Cena Livre, o teatro atua como produtor de suas próprias práticas artísticas, das construções corporais e vocais das atrizes e dos atores em cena e proporciona o estudo de temas transversais, que permitem maior diálogo com diferentes disciplinas, culminando em uma abordagem interdisciplinar. A criatividade trabalhada no espaço cênico não é uma finalidade encerrada em sua própria prática, mas se presta à observação e assimilação, processamento e reapresentação de problemas reais, filtrando acontecimentos e vivências esteticamente, encorajando a apreciação, a reflexão e a crítica. Como sugerem Alcântara e Bridi (2022, p. 217-218),

[...] a expansão das concepções do cotidiano e o conhecimento da diversidade linguística, por meio do teatro, ou seja, o entendimento da heterogeneidade explicitada nos vários contextos de vida, pode oferecer possibilidades diversas de entendimento da diversidade social.

Por essas e outras razões, a presença da arte, e mais especificamente do teatro, no qual centramos o foco do olhar neste artigo, se torna fator pertinente e essencial, que permite não somente a criação de objetos artísticos, mas sobretudo o desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos participantes, viabilizando a criação de espaço para o florescimento de caminhos artísticos e subjetivos múltiplos e plurais.

Apresentadas essas considerações, a partir deste ponto, o presente artigo se dividirá em duas partes principais. Em um primeiro momento, será delineado um percurso histórico do projeto de extensão Cena Livre de Teatro, com a finalidade de contextualizar sua atuação ao longo dos anos recentes, para, então, expor os métodos e principais autores que norteiam as atividades pedagógicas do grupo.

2. CENA LIVRE DE TEATRO: UM BREVE HISTÓRICO

O Grupo de Teatro Cena Livre oferece oficinas gratuitas aos sábados, a partir das 14h, no auditório do Bloco Didático da FCA, na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), em Cuiabá. Seu público é composto por discentes e pela comunidade externa, sendo ele de jovens até pessoas idosas. Criado em 2016, por iniciativa do chamada Confraria H, de estudantes da faculdade local de História, o projeto Cena Livre de Teatro foi inicialmente coordenado pela professora do Departamento de História Ana Maria Marques e teve direção artística de Leosan Sampaio, fundador do coletivo, de Ana Carolina de Mello, então discente do curso Jornalismo em Rádio e TV e Lucas Lemos, então discente do curso Letras Literatura, entre 2016 e 2020. A partir de 2020, o projeto passou a ser coordenado conjuntamente pelas professoras do Departamento de Artes Maristela Carneiro e Bibiana Bragnolo.

O grupo tem como característica a construção coletiva, através das pessoas que participam, e se revezam entre momentos de maior ou menor destaque, menor ou maior participação nas oficinas, apresentações e projetos. A direção artística no ano de 2022, ficou a cargo de Barbara Bigginati Carias (discente do curso de Serviço Social), Ellyda Campos Reiche (discente do curso de Serviço Social), e Thalita Torres dos Santos Mattos (discente do curso de Comunicação Social - habilitação em Publicidade e Propaganda), Wenni Izabelli Justo (discente do curso de Psicologia), Caroline Pinheiro Manzoni (egressa do curso de Geologia), Fabiola Karen e Silva (egressa do curso de curso de Comunicação Social - habilitação em Publicidade e Propaganda), e Maria Eduarda Dal Bello (egressa do curso superior tecnológico em Teatro - ênfase em Atuação, da MT Escola de Teatro).

Desde a sua fundação, os objetivos do grupo eram fomentar as artes cênicas dentro e fora da universidade, montar uma equipe permanente de teatro, estimular uma cultura de frequência do espaço teatral e, conseqüentemente, a utilização e valorização do Teatro Universitário pelos alunos. Podemos afirmar que, até o momento, parte dessas metas tem sido atingida, já que passamos de 3 participantes ativos no início de 2017 para 16 no início de 2018, depois de 56 no início de 2019 para 63 no início de 2020. A eclosão da pandemia, em 2021, foi um duro golpe para as atividades do grupo, que, diante das condições restritivas tornadas necessárias por motivos sanitários, seguiu trabalhando, mas apenas de forma remota. Restabelecidas as condições mínimas para a realização de encontros sem maiores riscos à saúde dos envolvidos, as atividades presenciais foram retomadas em 2022. Ao fim deste ano, verificamos uma média de 30 alunos participantes nas oficinas realizadas entre maio e novembro.

Apesar da trajetória relativamente extensa do grupo, ainda enfrentamos dificuldades em ocupar o Teatro Universitário da UFMT, o que se dá principalmente por questões de gestão do espaço e de cortes de verbas do Governo Federal, circunstâncias que limitam seu uso ou colocam como regra o pagamento de taxas, com as quais muitas vezes não conseguimos arcar, já que conduzimos o projeto de extensão como uma iniciativa totalmente gratuita.

Durante o ano de 2016, nossa atuação foi tímida, não tivemos uma formação substancial de grupo, mas grande evasão, com alunos que iam e vinham às aulas sem grandes compromissos com a atuação artística e social. Porém, ainda assim, demos continuidade com os encontros e, em 2017, conseguimos mais aderência dos presentes, assim como a oficialização do coletivo como projeto de extensão na universidade, atrelado à Coordenação de Extensão (CODEX) da UFMT-Cuiabá, o que culminou com a feitura de dois espetáculos no mesmo ano: a I Mostra de Artes Cênicas, no dia 03 de dezembro de 2017, com uma adaptação de Maria Clara Machado, *“Pluft, o fantasminha”*, e o primeiro espetáculo de autoria própria do grupo, *“Factóide”*, de Lucas Lemos.

Aline Wendpap, atriz oriunda do tradicional Grupo “Pessoal do Ânima” de Cuiabá, Doutora em Estudos de Cultura Contemporânea, Mestre pela linha de Educação e Psicologia da UFMT, Comunicóloga, Professora e Produtora Cultural, esteve presente em nossa primeira mostra como crítica e escreveu, não só sobre Factóide, mas também sobre a nossa condição de grupo “sem teatro”, no site de crítica Parágrafo Cerrado:

Se for levado em conta que, o Auditório do Centro Cultural da UFMT não é nem de longe, uma caixa cênica, a somatória a apresentação torna-se ainda mais positiva. E é bastante perceptível a familiaridade do elenco com o local, provavelmente devido às oficinas do Cena Livre (o lindo trabalho de um grupo, em seu *habitat!*). Isso também parece ter contribuído para a construção cenográfica (que o aproveitou o palco “diferentão” de modo interessante). Este é um espetáculo em que podemos perceber todos os elementos, que compõem uma cena, trabalhados em seus mínimos detalhes. E, detalhe, todos os atuantes são estreadores. Que tenhamos mais estreias assim. Evoé! (WENDPAP, Aline, 2017)

Sem dúvidas, ficam evidentes as nossas dificuldades, mas também a nossa resistência, em fazer teatro em Mato Grosso. Resistência essa que nos instigou a estabelecer uma organização mais institucionalizada, o que resultou em um processo seletivo para as aulas de 2018, já que, com a grande repercussão midiática na capital mato-grossense, a procura pelo “grupo de teatro da uf”, como nos notabilizamos, aumentou exponencialmente. Assim, o nosso primeiro processo seletivo aconteceu nos dias 02 e 03 de março de 2018, com mais de trezentos inscritos, fato que consideramos um grande marco em nossa história, não somente pelo número de participantes, mas pela credibilidade imbricada nele, agora dada pela comunidade externa à universidade.

Após o processo seletivo e já com a turma renovada, em julho de 2018 aconteceu o I Festival de Cenas Curtas, com 13 esquetes de dez a quinze minutos cada, que abordaram temáticas distópicas, cômicas, dramáticas, além de monólogos, musicais e políticas. Foram dois dias, 11 e 12 de julho de 2018, com teatro lotado, público receptivo com os processos artísticos e, nesta oportunidade, seguindo as diretrizes da PROCEV (Pró-reitoria de Cultura e Vivência), arrecadamos mais de 300 litros de leite para doação à Instituição Paz e Bem, que ajuda moradores de rua e imigrantes moradores de Cuiabá.

O I Festival de Cenas Curtas Cena Livre de Teatro teve uma grande repercussão na mídia local, com doze matérias publicadas em jornais locais online, como “O Livre”, “G1 - Portal de notícias da TV Centro América”, “Gazeta Digital”, duas entrevistas para televisão, para a TVU e a TV Gazeta, além de notícias no site da UFMT, e uma crítica teatral realizada por Thereza Helena, no site “Parágrafo Cerrado”, que diz:

[...] fazendo uso do bom humor como estratégia capaz de sensibilizar até os olhares mais preconceituosos, a esquete “A Seita”, de Lucas Lemos, colocou em cena mais um experimento dramaturgicamente resultante dos processos investigativos do Cena Livre. Numa versão caricata das reuniões de culto, ele colocou em cena a questão do respeito às orientações de gênero individuais. No texto, as personagens dos “fiéis” seguiam as indicações do “Líder”, personagem que ao contrário das personalidades autoritárias que ocupam posto semelhante na vida real, ao invés de incitar o ódio e a discriminação à diversidade, pregavam os prazeres do exercício da liberdade de expressão. Nessa ação de convite à prática de respeito e representatividade, todos, todas e todes alunx que já haviam se apresentado naquele dia foram chamadas (os) à retornar seus postos, se colocar em “formação de paqueta” e a partir do palco seguir na marcha pelo direito à ocupação dos espaços que lhes sejam de desejo (HELENA, Thereza, 2018).

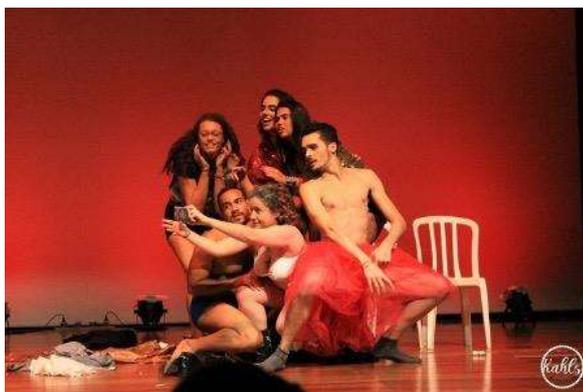


Imagem 1 – “A Seita”, I Festival de Cenas Curtas Cena Livre de Teatro (2018)

No Teatro Universitário da UFMT-Cuiabá, aconteceu, nos dias 23 e 24 de outubro, o “I Encontro Mato-Grossense de Artes Cênicas, Teatro, Dança e Circo: Perspectivas e Trajetórias”, evento realizado em parceria com a UFMT, a Universidade Estadual de Mato Grosso (UNEMAT) e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFMT), além de diversos grupos teatrais mato-grossenses, a exemplo a SOLTA Cia. de Teatro, Leite de Pedras, Parágrafo Cerrado, Cena Onze, Diamond Crew e MT Escola de Teatro, de Cuiabá, como também outros coletivos de mais de 10 cidades mato grossenses. Além disso, profissionais teatrólogos, como Joaquim Gama, da SP Escola de Teatro, Cristiane Puertas, Elisangela Almeida, Thaísa Soares, Sandro Lucose, do IFMT Cuiabá, Ilson de Oliveira e Eduardo Butakka ofereçam oficinas que abordaram desde aperfeiçoamento vocal ao Teatro do Oprimido, até divulgação de espetáculos e leituras de cena. Durante o encontro, redigimos em coletivo uma carta aberta à sociedade contendo o posicionamento dos artistas de Mato Grosso diante da atual conjuntura política do país, além disso, produzimos o primeiro documentário audiovisual do Cena Livre de Teatro, disponível no Facebook oficial do grupo.

No início de 2019, ano em que a cidade de Cuiabá celebrou seu terceiro centenário, o grupo introduziu o espetáculo "Cápsulas de humor", uma coletânea de sete esquetes cômicas tratando da conturbada realidade política e econômica brasileira. O tema que dialogava com as dificuldades financeiras enfrentadas pelo projeto para seguir produzindo e se apresentando, enquanto apresentando ainda aos componentes o desafio de trabalhar com um conteúdo humorístico em uma conjuntura histórica tão crítica.

No mesmo ano, no primeiro semestre, o Cena Livre lançou a segunda edição do Festival de Cenas Curtas, exibindo 14 esquetes concebidas nas oficinas semanais promovidas aos sábados pelo coletivo. No segundo semestre, foi realizada a segunda Mostra de Artes Cênicas com estreia de quatro espetáculos autorais: “Ele é quem quer”, “Bar Olímpia”, “Confusão Real” e “Contidas Nunca Mais”. Este último, resultado do processo de pesquisa sobre feminicídio do Núcleo de Mulheres Cena Livre de Teatro, fundado e dirigido pela discente Ana Carolina de Mello.



Imagem 2 – “Ele é quem quer”, “Bar Olímpia”, “Confusão Real”, e “Contidas Nunca Mais”, II Mostra de Artes Cênicas Cena Livre de Teatro (2019)

A emergência da pandemia de COVID-19, entre 2020 e 2021, dificultou severamente as atividades do grupo. Embora o ano de 2020 tenha tido um início promissor, com o Núcleo de Mulheres Cena Livre contemplado pelo edital Artes em Residência (AR20) para ocupar a Praça Alencastro e desenvolver pesquisa para transformar o espetáculo “Contidas Nunca Mais” em teatro de rua e a apresentação da peça “Ele é Quem Quer”, composta por um encadeamento de esquetes unidas por um fio condutor, com público expressivo, logo se impuseram condições sanitárias que interromperam a execução da residência artística do Núcleo de Mulheres e inviabilizaram tanto os encontros presenciais, fundamentais para o desenrolar dos processos criativos do coletivo, quanto as apresentações para públicos ao vivo.

Esse contexto, evidentemente, reduziu o alcance do Cena Livre junto ao público, posto que a impossibilidade de reunir públicos presenciais reduz o impacto e o interesse por uma expressão artística preponderantemente presencial como o teatro, mas seu efeito danoso incidiu sobre a integridade do conjunto de participantes em si. A mudança das oficinas semanais para um formato online/remoto foi dificultada principalmente pelo desnível do acesso dos membros a equipamentos e conexões de qualidade. A perpetuação satisfatória das dinâmicas criativas online demandaria condições minimamente regulares de acesso de todos os participantes à boa transmissão de imagens e sons, o que não se apresentou como uma possibilidade para todos os interessados, levando a um estado generalizado de desencorajamento.

As circunstâncias não impediram, porém, que o grupo se organizasse e se adaptasse ao novo formato, de modo que o III Festival de Cenas Curtas foi realizado e transmitido via YouTube. O processo de adaptação começou com foco no aprofundamento do estudo sobre a história e teorias do teatro, assim como as produções do próprio grupo. De abril a junho de 2020, foram desenvolvidos sete resumos chamados de Leitura coletiva, que eram compartilhados via WhatsApp com o grupo acompanhados do que chamamos de Leitura individual, indicações de capítulos de livros para aprofundamento do estudo do tema.

As temáticas abordadas foram: “História do Teatro: da origem até o Teatro contemporâneo”, “O que é fazer teatro? Quais os teóricos que nos ensinam isso”, “Leituras dos Relatos de experiência do Cena Livre de Teatro”, “Leituras de dramaturgias Cena Livre de Teatro”, “Outros elementos significativos e representativos no teatro”, “Construção da dramaturgia” e “Construção da personagem”. No lugar das oficinas de criação, os encontros online aos sábados tiveram a finalidade de tirar dúvidas e dialogar sobre os estudos.

Em junho, devido à conjuntura da pandemia, o grupo concluiu ser necessário se apropriar da tecnologia para o processo criativo do teatro. Sendo assim, de junho a agosto de 2020, começou a experimentação da construção do III Festival de Cenas Curtas à distância. O grupo foi dividido em três núcleos e o ponto de

partida foi a construção da personagem. Os integrantes foram provocados a desenvolver um projeto dramático a partir da relação e contraste social entre as personagens criadas por cada integrante de seus respectivos núcleos.

Inspirados na técnica do Teatro Fórum, de Augusto Boal, na qual a atriz ou ator precisa improvisar em busca da resolução de um conflito, durante as oficinas, algumas cenas foram fortalecidas pela dinâmica do improviso a partir do comportamento das personagens criadas. Cada núcleo teve liberdade para definir seu método de ensaios e formato de apresentação de cenas, sob orientação da direção artística de Ana Carolina de Mello e Lucas Lemos.

O núcleo 1 optou por gravar pela plataforma de videochamada, com interação entre as personagens ao vivo. O núcleo 2 construiu mais de uma cena, algumas gravadas pelo celular com o uso de corte e edição e algumas pela plataforma com interação ao vivo, sem cortes e edição. O núcleo 3 se aproximou mais da narrativa audiovisual, ao transformar a dramaturgia em roteiro de decupagem para criar a ilusão de interação entre as personagens utilizando o recurso do plano e contraplano, imagens de apoio das redes sociais e edição. O III Festival de Cenas Curtas foi editado no formato de programa, com vinhetas de abertura e transmitido nos dias 26 e 27 de agosto de 2020, pelo canal do Youtube, seguido de uma *live* de bate papo com integrantes do grupo sobre o processo criativo.

Ainda em 2020, o grupo se apropriou da popularidade das *lives* e iniciou o processo criativo da III Mostra de Artes Cênicas. A proposta foi apresentar uma performance que abordasse o tema da demarcação das terras indígenas. O estudo coletivo foi feito no formato de aulas públicas online, para que o público pudesse acompanhar e se integrar à performance que seria realizada em espaço público.

Foram realizadas 5 aulas públicas: “Performance: entre o símbolo, o signo e a linguagem”, com Caio Ribeiro do coletivo Coma A Fronteira, “Poéticas decoloniais”, com a artista e socióloga Katiuska Azambuja, “O ritual, as imagens, a emoção e a política”, com a pós-doutora Denise Dall Bello, pesquisadora da componente da teatralidade em Abt Warburg, “Movimento de conquista de direitos indígenas na constituição”, com Sônia Guajajara e “Performance e intervenção urbana” com a doutora em artes cênicas Marithê Azevedo. Devido à grande evasão do grupo no final de 2020, o processo não foi concluído. Mas pudemos oferecer ao público conteúdos incríveis e que hoje estão disponíveis em nosso canal no Youtube.

O acirramento da pandemia ao longo do período em questão tornou necessário e prudente o modelo remoto, de maneira que em 2021 seguiram-se as oficinas online, e o IV Festival de Cenas Curtas também foi acessível ao público estritamente pelo YouTube. Neste ano, o processo criativo do festival teve inspiração na técnica do Teatro Jornal, de Augusto Boal, no qual atrizes e atores transformam a notícia de jornal em cena de teatro. No caso do IV Festival de Cenas Curtas, substituímos a notícia de jornal por obras de arte de artistas cuiabanas e cuiabanos. Cada núcleo compôs as cenas transformando artes visuais em teatro. O grupo utilizou as redes sociais para se conectar com o público através de *lives* realizadas pelo Instagram entre integrantes do núcleo e artistas homenageados.

Por fim, em 2022, as atividades presenciais do grupo foram retomadas, o que tornou novamente viável uma ampla gama de atividades que havia muito se apresentavam interdidas, permitindo-se finalmente que o teatro da UFMT fosse de novo disponibilizado para o V Festival de Cenas Curtas.

3. O ENSINO DO TEATRO NA EXTENSÃO: PARÂMETROS E DIVERSIDADE

Em seu livro “*O Teatro do Bem e do Mal*”, Galeano (2002) expõe um curioso caso de uma Escola do Crime, em Mazaffarnagar, na Índia, noticiado pelo *The Times of India*. Entre as principais disciplinas estão “Sequestro, Extorsão e Execução”, que, segundo os diretores do lugar, embasam o ensino que surgiu da necessidade mercadológica local e também para o cumprimento de funções sociais.

Temo que tenham razão. E me dá pânico pensar que o exemplo vá frutificar na Índia e no mundo. O que será dos pobres professores das escolas

tradicionais – perguntou-me – já castigados pelos salários de fome e pela pouca ou nenhuma atenção que lhes prestam seus alunos? Quantos professores poderão reciclar-se, adaptando-se às exigências da modernidade? Dos que eu conheço, nenhum. Consta-me que são incapazes de matar uma mosca e não têm talento nem para assaltar uma velhinha desamparada e parálitica. O que esses inúteis vão ensinar no mundo de amanhã? (GALEANO, 2002, p. 101).

Com a sua assustadora e inimitável maneira de escrita, Galeano alerta os profissionais da educação sobre a fácil obsolescência e esgotamento de recursos que rondam as vidas dos professores mundo afora. O exemplo é da Índia, super cabível ao Brasil, afinal, o que será da nossa discência sem o multiletramento, a dialogicidade, a problematização e a reflexão crítica que, ainda sob a lente freiriana, fazem da educação uma ferramenta libertadora?

Na perspectiva social,

A ênfase nos aspectos simbólicos e de linguagem faz do teatro um instrumento passível de ser utilizado em sala de aula com o objetivo de abrir espaços para a livre expressão dos alunos, a interação e a construção de saberes. O teatro possibilita integrar significados a partir do lúdico, em um clima de liberdade no qual o aluno é convidado a expressar sentimentos, aflições e entendimentos acerca de uma temática. Dessa maneira, o indivíduo se desenvolve nas relações com o grupo e aumenta sua parcela de responsabilidade no sucesso do trabalho, representada pela culminância do esforço de cada participante (CARNEIRO, 2015).

Assim, fica evidente o teatro como palco para desenvolvimento artístico autônomo e libertário, que nos tira da realidade violenta do dia a dia narrada por Galeano, e nos proporciona criação de novos mundos, nos proporciona a imaginação recriadora. É neste último parâmetro no qual mais nos debruçamos no coletivo *Cena Livre de Teatro*, que tem como forte princípio a liberdade de expressão e apoia toda diversidade possível nas criações teatrais de seus aprendizes, sempre em busca da consonância a inúmeras subjetividades e também realidades desses que inspiram trazer o teatro para mais próximo de suas vidas.

Augusto Boal, dramaturgo brasileiro, deu início ao que é hoje conhecido como O Teatro do Oprimido. Em um resumo muito sucinto, essa metodologia enxerga cada ser humano como um ator social, no trabalho assumimos um papel, em casa outro, na rua outro, por exemplo. Dessa forma, busca a libertação de sentimentos reprimidos como objetivo final da arte cênica (BOAL, 1991). O dramaturgo brasileiro, dentre outras técnicas como o Teatro Imagem, Teatro Invisível, levou diversas pessoas de seus cotidianos a atuarem numa peça de teatro, modificando o *status quo* dos finais das narrativas por meio de suas emoções genuínas. Um teatro mais popularmente possível, que leva o sujeito do cotidiano a recriar, intervir e revolucionar suas realidades e narrativas.

Levando essas perspectivas em consideração e entendendo o teatro como instrumento de emancipação social, política e existencial, tomamos esse método como ponto de partida de nossas oficinas. Além de Boal, a condução do trabalho também tem como base teórica as obras de Stanislavski (1964), como as obras *A preparação do ator (Edição de 1994)*, *A criação de um papel (Edição de 1995)*, *A construção da Personagem (Edição de 1993)* e também leituras de Grotowski (1992) para estabelecer perspectivas cenográficas.

Nossas oficinas são realizadas aos sábados, com duração de até quatro horas. Transmitimos os recursos técnicos desenvolvidos pelos autores acima citados através de dinâmicas e exercícios cênicos direcionados à criação coletiva. Além disso, para enriquecer o trabalho, mantemos intercâmbios com variados grupos de teatro, como o Teatro Fúria, a Confraria H., a Cia. Solta de Teatro, MT Escola de Teatro, a Escola de Circo

Leite de Pedras e o ator Eduardo Butakka, assim como outros artistas que se dispõem a participar da formação continuada educacional e artística.

Tal metodologia tem como resultado a produção autoral e crítica que retrata os conflitos que permeiam o cotidiano da sociedade. Nossa produção surge dos exercícios cênicos e, principalmente, das vivências e percepções de mundo dos aprendizes. Organizados em núcleos de trabalho, esses dedicam maior atenção para a construção das personagens, figurino, cenário, iluminação e sonoplastia.

A priori, tivemos uma organização de calendário mais engessado, de 2018 a 2019, período em que conseguimos, praticamente, seguir uma linha temporal de eventos: 1) Festival de Cenas Curtas; 2) Mostra de Artes Cênicas e 3) Encontro Mato-Grossense de Artes Cênicas. Além desta estrutura que tentamos manter para instigar a criação de novos espetáculos, as oficinas aos sábados tentavam seguir o formato de introdução com aquecimento corporal com músicas e dinâmicas, depois o desenvolvimento, com leituras ou exercícios de artistas convidados, disparadores criativos e outros e, por fim, a finalização, que é a apresentação dos processos de cena ao grupo, roda de discussão e críticas.

Assim, ainda que hoje em dia estejamos mais flexíveis com este calendário, buscamos um processo de alimentação constante: na busca em aprender mais sobre atuação, direção, sonoplastia, iluminação, dramaturgia e performance, nosso coletivo se mantém ativo aos finais de semana, sem deixar de dar vazão criativa e fomentar novas perspectivas e ocupação de espaços sociais, como vem acontecendo com os convites para apresentações de peças autorais externamente, ou mesmo com editais públicos, desde 2019.

Cabe aqui ressaltar que em 2020, um pouco antes das medidas restritivas da pandemia começarem a valer, o núcleo de mulheres criado por Ana Carolina Mello foi contemplado pelo edital Artes em Residência, com a peça *Contidas Nunca Mais*, levando o espetáculo dos palcos para a Praça Alencastro, no centro da capital mato-grossense.

Além desse, durante a pandemia, a Lei Aldir Blanc proporcionou ao membro Lucas Lemos a realização de seu primeiro curta *Antes do Mundo Acabar* (2021), filmado ainda no período em que estivemos de estar distantes das aulas presenciais de teatro. O filme, vencedor como melhor curta mato-grossense da Mostra Audiovisual e Universitária da América Latina (MAUAL 2021), contou ainda com atuação de Lucas Fortes e Eros Sgorlon e Direção de Arte de Ana Carolina de Mello, com roteiro e direção de Lucas Lemos.

Do mesmo modo, a peça teatral *O Encontro*, de Ézero Martins Obalhe, também foi contemplado pelo edital estadual da Lei Aldir Blanc, recebendo uma das maiores verbas do mesmo para poder ser apresentado em teatro, filmado e exibido online com uma qualidade impecável e pagando com dignidade todos os realizadores. Foram mais de quinze integrantes do coletivo que trabalharam no projeto que foi um sucesso de público e de projeção nas redes sociais. Já em 2022, a *Águas Cuiabá*, empresa do grupo Iguá Saneamento, convida o *Cena Livre de Teatro* a montar mais uma peça, dessa vez "*O garoto do Rio e a Ameaça do óleo*", que circulou em dezenas de escolas públicas cuiabanas.

Ou seja, além dos ecos discursivos que ecoam do *Cena Livre*, também existe uma vontade e um movimento de profissionalização dos integrantes que estão em constante troca com o coletivo. Prova disso é também a formação de estudantes que saíram do coletivo e se formaram no curso técnico da MT Escola de Teatro em parceria com a UNEMAT, como foi o caso de Fabíola Karen e Silva, Duda Dal Bello, Ézero Martins e Francisco Macedo. Todos esses e muitos outros são artistas que floresceram por anos dentro do *Cena Livre*.

O ano de 2022 marcou o retorno dos encontros presenciais do grupo. Como citado anteriormente, foi estabelecida uma nova direção artística, responsável pela elaboração de oficinas de iniciação teatral, articulação com parceiros habilitados para ministrar oficinas, acompanhamento dos processos criativos, produção e execução da I Mostra Experimental de Performances, e do V Festival de Cenas Curtas.

Elaboramos um cronograma de planejamento de atividades e execução de maio a dezembro que consiste em conteúdos de iniciação teatral com conceitos de Stanislavski, jogos teatrais com bases de Spolin e Boal, práticas de consciência corporal, preparação vocal, performance e seu potencial como arte expressiva, direção, construção do personagem, cenografia, dramaturgia, corpo e iluminação.

A I Mostra Experimental de Performances foi realizada no dia 09 de julho de 2022, no saguão do IL, e contou com 10 performances abertas ao público. Já o V Festival de Cenas Curtas foi realizado no dia 13 de novembro de 2022, no Teatro Universitário da UFMT, e contou com 9 cenas em palco e 1 no foyer. O espetáculo foi gratuito ao público e foram arrecadados 196 litros de leite, doados de maneira voluntária, e entregues à instituição Pastoral do Imigrante em Cuiabá, que acolhe e auxilia imigrantes na cidade.



Imagem 3 – Performances, 1ª Mostra Experimental de Performances (2022)



Imagem 4 – “Teia Proto-estética” e “Sobre Luz”, V Festival de Cenas Curtas (2022)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É válido recordar que “a arte na educação tem como finalidade explorar e desenvolver as potencialidades do aluno, uma vez que ela abre portas para um caminho que vai além de uma disciplina” (FERREIRA, 2012, p. 23). Na mesma senda, podemos afirmar que o ensino do teatro também abre caminhos para a criação, a imaginação, e a sensibilidade social, já que através da atuação artística o aluno terá contato com personagens de diversas classes sociais, com problemas e histórias diferentes, costumes e culturas diversas.

O trabalho com o teatro se configura em um ambiente propício à criação e ao lúdico, onde se recriam mundos, se experimentam luzes, corpos, personagens, enredos, músicas, sendo assim, uma potente

ferramenta de aprendizado em uma sociedade emparelhada, onde a cada dia as sensações se fazem mais breves e líquidas, ou correspondem a modelos padronizados e desumanizados.

Tudo, absolutamente tudo, oferece-se a nós, fazendo com que nossa capacidade de negar as ofertas diminua consideravelmente. Quanto mais aceitamos, menor o deleite: tudo que vem é imediatamente substituído ou substituível pelo próximo sucesso do momento, seja ele qual for. A imensa quantidade de informações, objetos, sensações, significados que tangenciam nossa vida cotidiana conforma-nos em um estado de torpor quase letárgico. Assim, eliminamos toda e qualquer possibilidade de experiência: aquilo que tangencia não nos fere, não nos alegra, não nos importa, menos ainda nos atravessa em um momento de traços que nos marcariam, traços esses que nos fariam sujeitos das experiências (FERREIRA, 2016).

Partindo desta falta de experiência à qual Taís Ferreira se refere, colocamos que o fazer teatral aparece no ensino e no cotidiano em um lugar de possibilidade, não somente de aquisição de técnicas artísticas, mas também e muito relevantemente como ferramenta de resistência política e social, é isso que faz a nossa cena cada vez mais livre. A partir de uma postura de cultivo do dissenso e da pluralidade, assim como do pensamento crítico em relação ao próprio conhecimento validado e ao *status quo*, a arte na extensão universitária se desvela enquanto potencial agente transformador das práticas, sejam elas de ensino ou de produção artística.

A vivência artística é, enfim, uma experiência que coloca questões em debate, explora os limites da sensibilidade e chama atenção para nossa humanidade pela via da criatividade, e o Cena Livre tem mostrado, ao longo de sua curta e frutífera história, que muito pode ser vivenciado no encontro entre universidade e comunidade que se desenrola sobre e ao redor do palco.

O poeta Francisco Mallman, em Tudo que leva consigo um nome (2021), escreve:

como você é patético fernando
não sei como fui capaz de meter-me
com um tipo feito tu que ódio
ainda bem que agora escrevo
do contrário te azucrinaria mas
sou elegante ontem convidei
adriana que é atriz a dizer
meus versinhos e achei que
em sua boca ficariam muito bem
meu círculo é de artistas fernando
somos um perigo tenha cuidado

É assim que nos ampliamos ao mundo, compartilhando nossas vozes e versos, e desvendado o ato político, histórico, afetivo, que é se lançar a fazer arte em Mato Grosso, escrevendo, atuando e sonhando com muito amor, mas essencialmente também com muita fúria. Aí reside nossa existência e resistência. Evoé!

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCANTARA, Regina Godinho de; BRIDI, Luan Eudair. Desvelando caminhos por meio do teatro: por uma abordagem dialógica. *Revista Humanidades e Inovação*, v. 9 n. 12, 06/09/2022: Laço social, subjetividade e espaço escolar: entre limites e possibilidades na contemporaneidade, p. 216-230.

BOAL, Augusto. *Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

CARNEIRO, Fernanda Leão Gonçalves; DAL FARRA, Rossano André. A educação libertadora de Paulo Freire e o teatro na educação em saúde: experiências em uma escola pública no Brasil. *Pro-Posições*, 29 (3), 2018.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FERREIRA, Taís. *A Escola no Teatro e o teatro na Escola*. Porto Alegre: Editora Mediação. 2006.

GALEANO, Eduardo. *O Teatro do Bem e do Mal*. Porto Alegre: L&P, 2002

GROTOWSKI, Jerzy. *Em Busca de Um Teatro Pobre*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

HELENA, Thereza. Por mais cenas que se façam livres. *Parágrafo Cerrado*, 2018. Disponível em: <https://paragrafocerrado.wordpress.com/2018/07/17/por-mais-cenas-que-se-facam-livres-por-thereza-helenarevisao-joelson-jogosi/>

NOLETO, Rafael da Silva; ALVES, Yara de Cássia. Liminaridade e communitas - Victor Turner. In: *Enciclopédia de Antropologia*, 2015. Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/conceito/liminaridade-e-communitas-victor-turner>

SPOLIN, Viola. *Jogos Teatrais: O Fichário de Viola Spolin*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

STANISLAVSKI, Constantin. *A Preparação do Ator*. Trad. F. Pontes de Paula Lima. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

TURNER, Victor W. Liminal to Liminoid, in Play, Flow, Ritual: An Essay in Comparative Symbology. In V. Turner. *From Ritual to theatre: the Human Seriousness of Play*. New York, NY: PAJ Publications, 1982.

WENDPAP, Aline. Factóides. *Parágrafo Cerrado*, 2018. Disponível em: <https://paragrafocerrado.wordpress.com/2017/12/18/factoide-por-aline-wendpap/>